

MORTE E VIDA SEVERINA EM QUADRINHOS: UMA LEITURA DAS ADAPTAÇÕES DE MIGUEL FALCÃO (2009) E ODYR BERNARDI (2024)

Bruno Santos Melo¹
Beatriz Araújo Costa²

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2025.v18.49683>

RESUMO: No âmbito da Indústria Cultural e da cultura de massas, os processos que envolvem a adaptação de clássicos literários se configuram como uma importante forma de disseminação e democratização ao acesso da dita Literatura com “L” maiúsculo, conforme aponta Márcia Abreu (2006). Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo central analisar duas adaptações quadrinísticas da obra poética “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto. Percebemos, no decorrer da análise, que a primeira HQ, de Miguel Falcão (2009), constrói um enredo muito próximo da obra de João Cabral, com transcrições do texto escrito e ilustrações em preto e branco, com um forte apelo gráfico voltado sobretudo à construção simbólica da Morte Severina. A segunda, de Odyr Bernardi (2024), é um pouco mais livre do poema no âmbito textual e agrega ilustrações coloridas, que se aproximam da pintura através da técnica de aquarela, trazendo um contexto que ressignifica a tradicional morte Severina: a pandemia do COVID-19. Ambas, a partir das linguagens dos quadrinhos, emancipam a palavra escrita e constroem sentidos mediante a mescla entre texto verbal e visual, promovendo narrativas sensíveis e que partilham entre si aspectos fundamentais da obra adaptada: o caminhar do sertanejo retirante.

Palavras-chave: Adaptação; história em quadrinhos; João Cabral de Melo Neto; literatura brasileira; Morte e Vida Severina.

MORTE E VIDA SEVERINA IN COMIC BOOK FORM: A READING OF THE ADAPTATIONS BY MIGUEL FALCÃO (2009) AND ODYR BERNARDI (2024)

ABSTRACT: In the context of the cultural industry and mass culture, the processes involved in adapting literary classics are an important means of disseminating and democratizing access to canonical Literature with a capital “L” as pointed out by Márcia Abreu (2006). In this sense, the main objective of this article is to analyze two comic book adaptations of the poetic work “Morte e Vida Severina”, by João Cabral de Melo Neto. During the analysis, we noticed that the first comic book, by Miguel Falcão (2009), constructs a plot very close to João Cabral's work, with transcriptions of the written text and black and

¹ Pós-doutorando, com apoio da FAPESQ, no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), da Universidade Estadual da Paraíba. Doutor pelo mesmo programa e professor substituto de Literatura na mesma instituição. E-mail: bsantosletras@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5563-5079>.

² Graduanda do curso de Letras - Português, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Técnica em Geologia pelo Instituto Federal da Paraíba (IFPB) - Campus Picuí. E-mail: beatrizbsrac@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5803-2896>.

white illustrations, with a strong graphic appeal focused mainly on the symbolic construction of Morte Severina. The second, by Odyr Bernardi (2024), is more flexible in its approach to the text and adds colorful illustrations, which resemble paintings through the use of watercolor techniques, bringing a context that reinterprets the traditional Severina death: the COVID-19 pandemic. Both adaptations, through the language of comics, emancipate the written word and construct meaning through the language of comics of verbal and visual elements, promoting visual elements that share fundamental aspects of the adapted work: the journey of the migrant sertanejo.

Keywords: Adaptation; Brazilian literature; comic books; João Cabral de Melo Neto; Morte e Vida Severina.

Introdução

No contexto educacional, há constantes discussões sobre as dificuldades enfrentadas pelos estudantes em sala de aula. Para superar esses desafios e promover melhor aprendizado, é essencial a inserção de práticas pedagógicas que despertem o interesse e estimulem a vontade de aprender (Charmeux, 1994). Nesse sentido, “[...] é possível a utilização de vários materiais que auxiliem a desenvolver o processo de ensino e de aprendizagem, isso faz com que facilite a relação professor–aluno–conhecimento” (Souza, 2007, p. 110). Desse modo, levando em consideração o rápido avanço das tecnologias e a crescente produção de conteúdos audiovisuais, torna-se cada vez mais evidente a necessidade de integrar diferentes mídias ao ensino, especialmente no século XXI, ao público jovem, que se mostra mais seletivo e exigente em relação ao que consome, sobretudo em relação à literatura brasileira, vista, muitas vezes, como distante da realidade devido à linguagem ou temáticas históricas.

Nesse sentido, as Histórias em Quadrinhos (HQ's) se destacam como ferramentas metodológicas e pedagógicas eficazes. Vistas durante muito tempo como um produto cultural direcionado às crianças ou que infantilizava os adultos (Eisner, 2010), as HQ's, na verdade, apresentam uma linguagem própria e que mescla o verbal e não-verbal, combinando texto escrito e visualidade. Esse conjunto é capaz de ampliar a compreensão leitora, sobretudo, quando tratamos dos clássicos literários na sala de aula, tendo em vista que

[...] as histórias em quadrinhos podem constituir uma forma de literatura lúdica, possibilitando aos seus leitores entretenimento, jogo e fantasia. Estes elementos podem contribuir para uma forma de pensamento diferenciado, estimulando a imaginação e o raciocínio crítico dos jovens, na medida em que as histórias ocorrem (Cavalcante; Cedro, 2016, p. 67).

Assim, adaptações atuam como pontes mediadoras entre o texto e o leitor, pois “a comparação, mesmo nos estudos comparados, é um meio, não um fim” (Carvalho, 1986, p. 8), ao passo que não implicam facilitação ou mesmo uma substituição da obra original, afinal, no

processo de transposição de uma mídia a outra há uma

[...] forma de intertextualidade; nós experienciamos as adaptações (enquanto adaptações) como palimpsestos por meio da lembrança de outras obras que ressoam através da repetição com variação. [...] A adaptação é uma derivação que não é derivativa, uma segunda obra que não é secundária - ela é a sua própria coisa palimpséstica (Hutcheon, 2013, p. 30).

Por isso, tanto no âmbito acadêmico quanto no social, é comum que a adaptação de obras para diferentes mídias receba críticas sobre fidelidade, quando na realidade não há nenhum tipo de obrigatoriedade de manutenção de aspectos específicos da obra adaptada. O mais relevante, como defende Hutcheon (2013) é a capacidade de interpretação e de novas possibilidades de leitura advindas do processo intermediário próprio da adaptação, pois cada formato traz sua própria escolha estilística e narrativa. Os diversos modos de transposições alteram a forma como a obra é percebida, mas, algumas vezes, elas são vistas como novas maneiras de conectar o público ao conteúdo original.

É justamente nesse sentido que destacamos as adaptações do poema dramático “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, publicado, pela primeira vez, em 1956. Dividida em dezoito cenas, a obra narra a trajetória de Severino de Maria, um retirante que foge da seca e busca o litoral, traçando um trajeto por diversas regiões pernambucanas até chegar a Recife, quando se encontra com a Morte. Concebido como um dos mais importantes textos da literatura brasileira, tem sido adaptado de múltiplas formas e com uma forte influência do teatro, tendo em vista que diz respeito ao “texto original”, se expandindo, por exemplo, para a música³ e o cinema⁴.

Neste artigo, porém, nosso foco recai na leitura de duas adaptações da obra para as HQ's: a primeira é do chargista pernambucano Miguel Falcão (2009), enquanto a segunda é do quadrinista sul-rio-grandense Odyr Bernardi (2024). Nosso objetivo é analisar como a linguagem dos quadrinhos se delineia nas duas HQ's, percebendo convergências e possíveis divergências. Ancoramos as nossas reflexões nos estudos de Postema (2018), de Eisner (2010) e de Cagnin (1975) sobre a composição quadrinística, e em Carvalhal (1986), em Hutcheon (2013) acerca da Literatura Comparada e adaptação.

³ Álbum homônimo com musicalização realizada por Chico Buarque e Airton Barbosa do poema de João Cabral de Melo Neto.

⁴ Filme lançado em 1977 e dirigido por Zelito Viana.

1. “Morte e Vida Severina”: um breve panorama

O poema dramático “Morte e Vida severina”, do importante poeta e diplomata brasileiro João Cabral de Melo Neto, apresenta uma perspectiva singular sobre a trajetória dos retirantes nordestinos em busca de melhores condições de vida. A obra insere-se na tradição dos autos natalinos pernambucanos, que evocam a encenação do nascimento de Jesus Cristo e a esperança inerente ao tempo em questão. Assim, embora a narrativa seja permeada por um cenário de sofrimento e morte, a chegada de uma nova vida simboliza a possibilidade de mudança e renovação.

Cabe destacar que a geografia da narrativa se divide em quatro grandes estações, cada uma marcando um momento específico do caminho percorrido pelo retirante:

- i) O sertão é representado pelos episódios “Ave Bala”, de Severino lavrador, e “Ave Palavra”, da mulher na janela, que simbolizam a origem do protagonista e a luta incessante pela sobrevivência na terra seca;
- ii) Zona da mata, que é apresentada pelo latifúndio e pelo funeral de um trabalhador, evidenciando a desigualdade social e a precariedade da vida dos retirantes;
- iii) Recife, que é o ponto em que Severino percebe estar seguindo seu próprio enterro, uma das passagens mais impactantes do poema, onde a cidade não se revela como um refúgio, mas sim como um prolongamento da miséria;
- iv) Mangue, que se torna o presépio do poema e o momento decisivo da narrativa, pois Severino cogita pular da ponte e se depara com o nascimento de uma nova vida, que dá um sentido inesperado ao seu percurso.

Além desse aspecto, há a figura de Severino, protagonista da obra, que representa a coletividade dos retirantes, marcados pela desigualdade e pela exclusão do processo de modernização. Severino não é um indivíduo isolado, mas uma representação da dura realidade de muitos outros “severinos”, como sugere a própria obra ao afirmar que são “iguais em tudo na vida” (Melo Neto, 2000, p. 2). O percurso dos “severinos” é marcado por constantes encontros com a morte, como expressa o verso: “Desde que estou retirando só a morte vejo ativa” (Melo Neto, 2000, p. 7), que se manifesta de diversas formas, seja na violência de assassinatos antes dos 20 anos, na fome e desnutrição, na velhice precoce antes dos 30, seja na mortalidade materna causada pela seca e pelas precárias condições de vida.

Sobre a estrutura do poema, ele é composto por 18 cenas ou fragmentos poéticos, organizados em dois grandes blocos: os primeiros 12 trechos compõem ao caminho ou fuga da morte, nos quais Severino segue o curso do rio Capibaribe e foge, pois, da miséria, que o persegue desde o sertão até a cidade do Recife. O poeta intercala monólogos do protagonista com diálogos que ele trava, ou escuta, ao longo do trajeto, reforçando a experiência da coletividade nordestina. As últimas seis cenas correspondem ao presépio ou encontro com a vida, parte em que o nascimento do filho de José, mestre Carpina, estabelece uma clara alusão

ao nascimento de Cristo. Dessa forma, observamos que a obra reafirma sua mensagem de resistência, ao sugerir que, apesar das adversidades, a vida – ainda que “Severina” – vale a pena ser vivida e, assim, ele tem sua esperança renovada, até o momento em que percebe que, de um lugar para o outro, a miséria só muda de cara.

No momento em que chega à capital, Severino percebe que a cidade não oferece a redenção esperada, isto é, ele compreende que a miséria persiste. Além disso, ele vê sua própria desesperança refletida naqueles que habitam as margens da metrópole. A dificuldade em se diferenciar dos demais reforça a ideia de que ele não é apenas um indivíduo, mas a personificação de uma classe inteira. Ainda assim, a obra não se encerra em um pessimismo absoluto. Severino cogita o suicídio e pensa em se afogar no rio Capibaribe, mas encontra um carpinteiro que acaba de ter um filho, o que o faz mudar de ideia. Aos poucos, alguns visitantes chegam com presentes singelos para o menino, cuja vida renova as esperanças de todos e convence o retirante a viver. Por fim, por meio do nascimento da criança no final do poema, tem-se a confirmação de que, mesmo diante das dificuldades, a esperança por dias melhores permanece.

2. “Morte e Vida Severina” no contexto das adaptações quadrinísticas

As adaptações do texto “Morte e Vida Severina”, construídas por Miguel Falcão (2009) e Odyr Bernardi (2024), exemplificam como a transposição para os quadrinhos pode ampliar a recepção da obra de João Cabral de Melo Neto. Embora ambas mantenham a essência do texto original, cada uma apresenta uma abordagem distinta, uma vez que exploram diferentes possibilidades narrativas e, principalmente, visuais.

Em primeira análise, a HQ ilustrada por Miguel Falcão foi publicada em 2010 pela Editora Massangana, e é marcada por um estilo gráfico detalhista e específico. O cartunista opta por uma estética que remete às xilogravuras da literatura de cordel, logo, percebemos que ele constrói uma conexão da obra com a cultura nordestina.

É notório que as ilustrações valorizam os contrastes entre claro e escuro, o que transmite, visualmente, a aridez e a dureza do sertão nordestino, elementos centrais na trajetória do retirante. Assim, Falcão (2009) mantém a estrutura do poema de João Cabral de Melo Neto, pois preserva grande parte dos versos originais e busca ser fiel ao texto. Vale ressaltar que sua adaptação enfatiza a dimensão social da obra, haja vista que destaca a desigualdade, a miséria e a luta dos retirantes nordestinos. Além disso, a HQ apresenta um modo de narrar mais lento, fazendo com que o leitor entenda de forma mais profunda a experiência de Severino e os encontros que marcam seu percurso.

Nas adaptações quadrinísticas, um primeiro elemento que chama a atenção é a capa, que, na versão de Falcão (2009), traz a silhueta da figura da morte, já dando alguns indícios de como será realizada essa construção no decorrer da narrativa, sobretudo pautada na recorrência

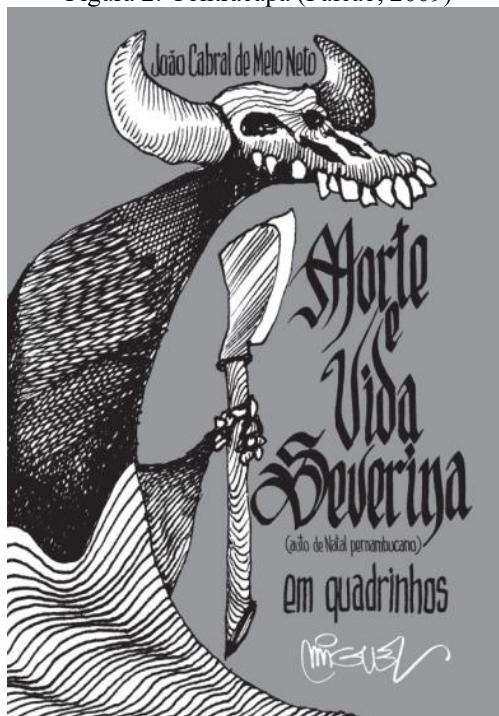
à cor preta e a um estilo de traço mais marcado e que utiliza da sobreposição de linhas para uma criação de texturas e camadas distintas às personagens. Percebemos que há um jogo interessante com o passar das páginas, em que a contracapa — ou capa alternativa, tendo em vista que aparece só na página 7 — revela a figura da Morte, que parecia estar encoberta, ou mesmo escondida, na capa principal, como é possível observar:

Figura 1— Capa da adaptação de Miguel Falcão (2009)



Fonte: MELO NETO, João Cabral de; FALCÃO, Miguel. **Morte e vida severina**. Recife: Fundaj/ Massangana, 2009.

Figura 2: Contracapa (Falcão, 2009)



Fonte: MELO NETO, João Cabral de; FALCÃO, Miguel. **Morte e vida severina**. Recife: Fundaj/ Massangana, 2009.

Essa escolha estilística pode apontar, inclusive, para um estilo muito recorrente no contexto teatral, que consiste na justaposição de elementos de luz e sombra para criar uma atmosfera de suspense e apreensão, apresentando posteriormente um elemento que estava inebriado ou mesmo intencionalmente escondido. Ao nos depararmos com a figura da morte, há uma forte representação à construção difundida e reiterada desde os mitos através do objeto simbólico, que é a foice. No entanto, a tradicional gadanha, foice pontiaguda e cabo longo, é substituída por uma foice mais curta e popularmente conhecida no Brasil, mantendo uma forte associação com a colheita. O rosto da morte, normalmente construído a partir de um crânio, é substituído por uma cabeça de boi, expressando uma forte simbologia da seca e a iminente morte advinda consigo.

Já a versão de Odyr Bernardi, adaptada e lançada em 2024 pela Editora Quadrinhos na Cia, apresenta uma abordagem visual distinta, caracterizada por um traço mais livre e expressivo, haja vista a utilização da técnica de aquarela. O ilustrador utiliza pinceladas fortes e cores marcantes para criar uma visão densa e emotiva, inserindo, assim, a dramaticidade presente na obra. Além disso, Bernardi (2024) trabalha os silêncios e os espaços vazios nas páginas, para que no momento da leitura possamos sentir a sensação de desolação que permeia o caminho dos severinos. Dessa forma, diferentemente da adaptação de Miguel (2009), que se aproxima do cordel, Odyr (2024) adota uma estética mais contemporânea. É perceptível que as

imagens ganham um papel central na construção do significado, muitas vezes complementando ou intensificando o impacto dos versos originais.

Na obra de Bernardi (2024), há um afastamento dessa perspectiva mais mórbida, delineando-se uma composição estilística muito característica do quadrinista através das cores em aquarela. No entanto, isso não significa que haja um esvaziamento dos sentidos, pelo contrário, há uma montagem estética distinta e potente, afinal, “[...] a função fundamental da arte dos quadrinhos, que é comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (como pessoas e coisas) no espaço” (Eisner, 2010, p. 39).

Figura 3 – Adaptação de Odyr Bernardi (2024)



Fonte: MELO NETO, João Cabral de; ODYR. **Morte e Vida Severina**. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2024.

A disposição de diferentes sujeitos já em um formato tipicamente quadrinístico – quadros sequenciados – aponta para uma narrativa prévia que já começa a ser contada desde a capa. Esses sujeitos, assim, constroem representações que podem ser associadas à temática regionalista, discutida de forma tão potente no poema de João Cabral, como o uso do chapéu de palha, o estilo e as cores das roupas, a tonalidade das peles, o biótipo etc. Um outro elemento importante é a utilização da cor branca na veste superior dos personagens que estão centralizados em cada quadro, recurso que nos incita a pensar que essa vestimenta acaba sendo

comum a diferentes personagens, independente do lugar que ocupem na capa, o que parece mesclá-los inclusive às calhas (hiatos ou sarjetas), que é um espaço que

[...] está lá para sinalizar a sequencialidade da imagem [...] ela cria um movimento contínuo em direção ao próximo quadro e as condições de renegociar o sentido baseado em informação nova comparada ao que já foi previamente estabelecido. Resumindo, a sarjeta facilita o processo da sequência (Postema, 2018, p. 2).

Diante disso, afirmamos que nenhum elemento no quadrinho é disposto de modo aleatório ou desprezioso. Mesmo em cenas em que parece que há uma ausência de ação por parte dos personagens, existem sentidos sendo mobilizados, pois “[...] as formas mais efetivas pelas quais os quadrinhos evocam a ação tem menos relação com movimentos e ações apresentados literalmente nos detalhes mínimos, e mais com a sugestão da ação através das lacunas que foram deixadas” (Postema, 2018, p. 92).

Nessa perspectiva, entendemos que a transposição desse clássico para o âmbito das História em Quadrinhos envolve desafios específicos, uma vez que a narrativa visual precisa equilibrar o rigor formal da poesia cabralina com as convenções da arte sequencial. Desse modo, considerando esses aspectos, analisamos as escolhas estilísticas e narrativas postas por Miguel (2009) e Bernardi (2024), destacando a forma como cada autor constrói visualmente a trajetória do retirante Severino.

2.1. As linguagens dos quadrinhos na construção do espaço e do protagonista de “Morte e Vida Severina”: uma breve análise comparativa

Ao realizar a leitura dos quadrinhos e tomá-los como *corpus* de análise, é importante lembrar que “[...] a disposição dos seus elementos específicos assume característica de linguagem” (Eisner, 2010, p. 1). Nesse sentido, toda uma gramática é criada, de certo modo, o que exige do leitor uma espécie de “alfabetização necessária” (Vergueiro, 2006, p. 30), a fim de perceber a importância dos elementos dispostos e a configuração da História em Quadrinhos como História em Quadrinhos, e não enquanto um subgênero de uma área maior. Durante muito tempo, as HQs foram concebidas como literatura ou um subgênero literário, quando, na verdade, elas constituem para si uma linguagem própria e autônoma (Ramos, 2019), principalmente porque “[...] quadrinhos não são a simples sucessão de cenas contidas cada uma em uma imagem: pelo contrário, é uma linguagem na qual as relações entre uma e outra imagem, gráficas ou narrativas, são mais importantes que as próprias imagens” (Barbieri, 2017, p. 130).

Assim, a sequencialidade da construção das cenas diz respeito à recorrência aos elementos específicos de composição quadrinística, como os balões, as vinhetas, as sarjetas, as

onomatopeias etc. Observamos que Miguel Falcão organiza os textos dentro de balões e quadrinhos (Fig. 4), seguindo uma estrutura tradicional de HQ's, que conduz a leitura de maneira sequencial e didática, já Odyr Bernardi, em boa parte da obra, integra os versos diretamente nas imagens de forma sutil e fluida, sem balões ou quadros delimitados (Fig. 5 e 6). Assim, entendemos que, enquanto a adaptação de Odyr propõe uma leitura mais sensível e contemplativa da obra, a de Miguel se aproxima de uma abordagem mais narrativa e guiada estruturada:

Figura 4 – Presença dos balões na obra de Falcão (2009)



Fonte: MELO NETO, João Cabral de; FALCÃO, Miguel. **Morte e vida severina**. Recife: Fundaj/ Massangana, 2009.

O balão é “[...] o elemento que mais diferencia os quadrinhos de outras formas de ilustração e o que mais tem sido usado para simbolizar a sua linguagem” (Chinen, 2011, p. 16), principalmente porque aparece não apenas como recurso textual, mas também gráfico, haja vista a diversidade de estilos de balões a depender da intencionalidade do quadrinista. Nas cenas acima, há uma representação dos dois principais estilos de fala utilizados por Falcão (2009) no decorrer da obra: o balão-fala (Ramos, 2019), demarcado por uma espécie de moldura ao redor da fala do personagem, e a legenda, que aparece geralmente no canto superior para indicar a fala de um narrador onisciente (Vergueiro, 2006), como é perceptível no poema narrativo.

Além disso, um outro recurso gráfico muito importante na adaptação de Falcão (2009) é a tipografia dos títulos de cada cena, pois tem uma inspiração gótica e que apontam mais uma vez, ainda que sutilmente, para a pertinência do mórbido e da permanência da representação simbólica da morte, afinal, “nos quadrinhos, a imagem e o texto fazem um intercâmbio frequente de funções: há uma função linguística da imagem, como há uma função icônica da escrita” (Cagnin, 1975, p. 54).

Na adaptação de Odyr (2024), como dito, não há a presença do balão-fala, elemento defendido por muitos estudiosos dos quadrinhos como o principal elemento que o caracteriza. No decorrer da leitura, deparamo-nos com o balão-zero (Ramos, 2019), que se assemelha ao balão-fala, mas não possui um contorno. No entanto, há a presença do apêndice (ou rabicho), que faz a intermediação entre as partes verbal e visual, ou, em outras palavras, entre o balão e o personagem específico. A escolha pela ausência de uma linha demarcatória no discurso dos personagens é muito simbólica e condizente inclusive com a composição estética da HQ, recurso que pode ser visto como um convite à experimentação de uma sensibilidade artística que encontra no desprendimento de elementos estruturalmente “rígidos” uma liberdade que ecoa na própria desenvoltura da narrativa:

Figura 5 – Presença dos balões na obra de Odyr (2024)



Fonte: MELO NETO, João Cabral de; ODYR. **Morte e Vida Severina**. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2024.

Além dos balões, há uma recorrência também à legenda e a voz do narrador, elemento que se aproxima da adaptação de Falcão (2009) e, conseqüentemente, da obra de João Cabral. Em muitas cenas, a voz narrativa alia-se a uma construção imagética permeada de sensibilidade que se materializa por meio da técnica da aquarela, que, ao diluir a tinta na água e espalhar pelo papel, parece que também dilui a rigidez da ambientação árida e constitui uma paisagem poética, que atua para além de um mero pano de fundo:

Figura 6 – Voz narrativa e ambientação



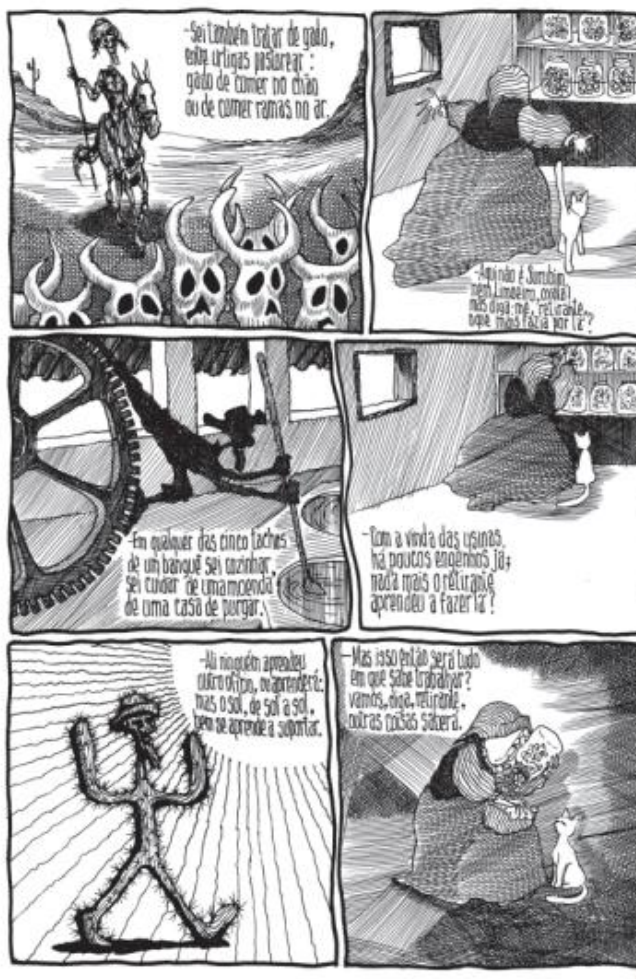
Fonte: MELO NETO, João Cabral de; ODYR. **Morte e Vida Severina**. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2024.

Nessa cena, através do travessão, há a presença da voz do personagem enquanto narrador onisciente — embora não haja a presença do balão-zero. A sua disposição em relação ao espaço e a imprecisão quanto ao seu rosto são características que se repetem em toda a obra, configurando-se como um importante ponto para percebermos a ausência de uma face específica diante de um contexto de dor e sofrimento. Diferentemente da figuração da morte na HQ de Falcão (2009), aqui a morte aparece de forma mais poética, amplificada pelo discurso dos personagens e materializada de modo mais específico na construção visual de símbolos como as covas, a cruz, as pás, os cortejos etc. Enquanto em Falcão (2009) percebemos uma construção artística mais próxima das referências do Expressionismo, em Odyr (2024) observamos uma estética de cunho referencial mais Impressionista.

Ao ser ambientado no sertão nordestino, o espaço não apenas serve de cenário, se tornando um elemento central na trajetória de Severino e dos personagens que cruzam o seu caminho. A aridez da terra, a escassez de recursos e a dureza da vida no campo moldam a jornada do retirante e reforçam o caráter trágico da narrativa. Nas adaptações, essa ambientação é representada de formas diferentes. Na HQ de Falcão (2009), há um compromisso com o

detalhamento realista da paisagem, ao utilizar o preto e branco para criar um forte contraste que mostra a dureza do sertão e a linearidade do caminho percorrido por Severino. Na composição visual, o ilustrador remete ao traço objetivo da poesia cabralina, sem ornamentos desnecessários:

Figura 7 – Figurações do espaço em Falcão (2009)



Fonte: MELO NETO, João Cabral de; FALCÃO, Miguel. **Morte e Vida Severina**. Recife: Fundaj/ Massangana, 2009.

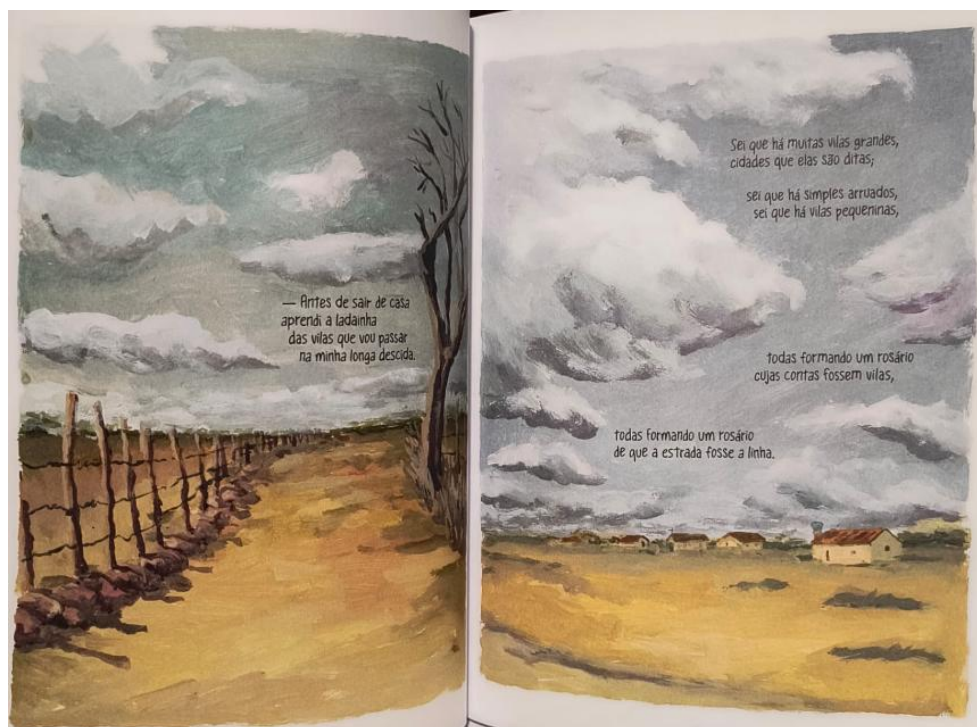
Essas percepções se ampliam sobretudo ao percebermos a forte recorrência dos traços como recurso expressivo para a construção das cenas em toda a HQ de Falcão (2009), ponto que, devido à ausência de cores, estabelece diferentes intensidades de preto e branco. No primeiro quadrinho, a figura do personagem e sua disposição em relação ao cenário podem ser vistas como referências inclusive ao emblemático *Dom Quixote*, que, montado em seu cavalo, desbrava o mundo em busca de aventuras. Ironicamente, Severino é forçado a desbravar os diferentes caminhos de Pernambuco não em busca de um amor, como o fidalgo, mas para

sobreviver.

No quinto quadro, a construção da ambientação reverbera sentidos para além de uma composição da cena, tendo em vista que há uma antropomorfização de um elemento tão característico do sertão, que é o cacto mandacaru, uma planta nativa brasileira, que se espalha livremente e necessita de pouca água. Aqui, percebemos, aliado ao texto verbal “Ali ninguém aprendeu outro ofício, ou aprenderá: mas o sol, de sol a sol, bem se aprende a suportar” (Falcão, 2009, p. 19), que há uma equivalência entre Severino e o mandacaru, como se ambos se igualassem diante das condições dispostas no ambiente: o sol e a seca.

Na HQ de Odyr (2024), por outro lado, há uma abordagem mais impressionista, com mais sombras e contrastes para representar a hostilidade do ambiente, percepções potencializadas pela utilização de uma vasta paleta de cores:

Figura 8 – Figurações do espaço em Odyr (2009) – p. 34 e 35



Fonte: MELO NETO, João Cabral de; FALCÃO, Miguel. **Morte e Vida Severina**. Recife: Fundaj/ Massangana, 2009.

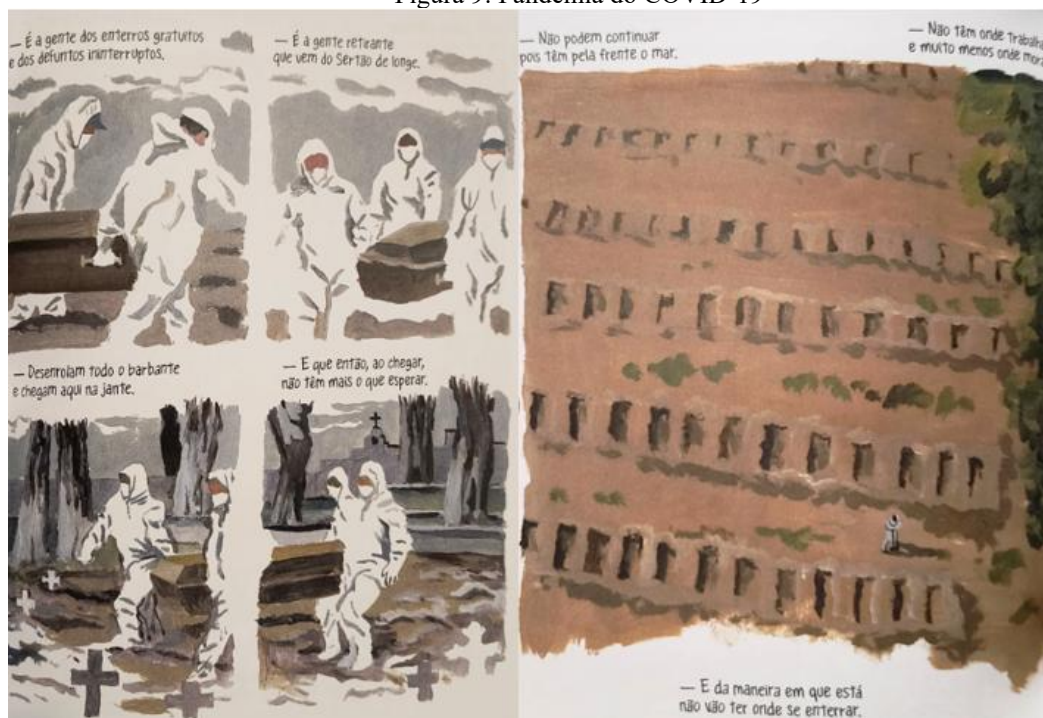
Nas páginas 34 e 35, notamos a presença de um recurso muito comum nos quadrinhos: *splash page*, que é uma cena que ocupa toda uma página da HQ. A ausência de várias vinhetas, em um primeiro momento ou para um leitor não familiarizado com a linguagem quadrinística, pode soar como uma quebra com a narrativa sequencial ou causar certo estranhamento, tendo em vista que comumente se espera que haja uma disposição de vários quadros e seus respectivos

balões, como é mostrado na figura anterior. No entanto, a escolha por construções de *splash pages* — e é um recurso recorrente na obra de Odyr (2024) —, mais uma vez, encontra na proposta artística um importante ponto de fusão, pois, em muitos momentos, o leitor é apresentado a cenas que mais parecem pinturas em aquarela, convidando-o, de modo sensível, à contemplação de paisagens e ambientações; não como mero expectador, mas como um leitor que mobiliza sentidos através da articulação entre o texto verbal e o visual.

Na primeira cena, a estrada de terra seca e avermelhada se estende em perspectiva, sugerindo ao leitor um olhar mais demorado para um horizonte sem promessas, enquanto a árvore sem folhas pode representar a sensação de um ambiente hostil e inóspito. Ademais, as nuvens carregadas no céu criam um contraste que sugere tanto a opressão quanto a esperança de uma chuva que talvez nunca venha. Na segunda, o enquadramento fica mais amplo e há um maior enfoque no céu e nas nuvens, sem perder de vista a presença das casas e, inclusive, de uma igreja, através inserção da cruz, que é um elemento abordado de modo mais contundente por Odyr (2024) em diferentes momentos da narrativa gráfica. Assim, o sertão não é apenas o pano de fundo da história, mas uma presença constante e que engendra o percurso do protagonista.

Um outro ponto importante da obra de Odyr (2024) e que mais claramente a diferencia da adaptação de Falcão (2009) é a inserção da morte em um contexto contemporâneo, que foi a pandemia do COVID-19:

Figura 9: Pandemia do COVID-19

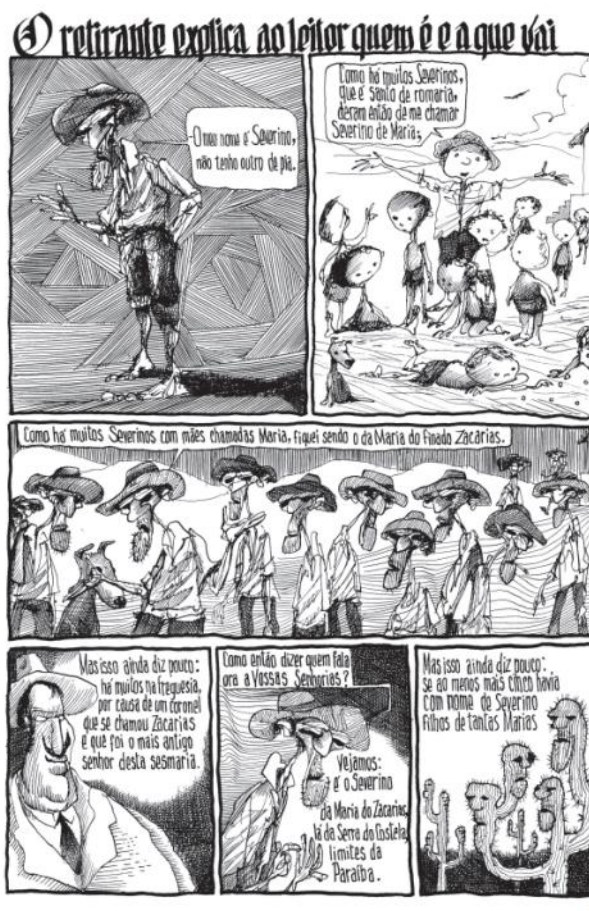


Fonte: MELO NETO, João Cabral de; FALCÃO, Miguel. **Morte e vida severina**. Recife: Fundaj/ Massangana, 2009.

A presença da morte na narrativa associada à pandemia vivenciada em todo o mundo entre 2020 até 2023 postula o aspecto sensível e, principalmente, político que envolve a construção da trama. A escolha por agregar uma temática contemporânea a uma discussão histórica reverbera um discurso crítico que denuncia que a “Morte Severina” não foi extinta, mas apenas mudou de roupagem. Denuncia, ainda, a ineficácia de um governo negacionista frente às mais de 690 mil mortes, que poderiam ser drasticamente diminuídas mediante à aquisição da vacina. As duas cenas representadas na figura acima ficaram marcadas na história brasileira e mundial, principalmente por expor o descompromisso ético, político e humano.

Em última análise, compreendemos que há uma luta contra a morte que transpassa toda a trama e uma busca por um sentido na vida, mediante o encontro com tantos severinos, que, embora diferentes, são tão iguais ao Severino protagonista. Assim, essa figura na obra de João Cabral é marcada pela impessoalidade, ele é um entre muitos, um símbolo da coletividade dos retirantes nordestinos. Nesta perspectiva, Miguel Falcão (2009) constrói um Severino de traços minimalistas, quase que anônimos, sem grandes expressões faciais ou individualizações:

Figura 10 – Severino em Falcão (2009)



Fonte: MELO NETO, João Cabral de; FALCÃO, Miguel. **Morte e vida severina**. Recife: Fundaj/ Massangana, 2009.

Falcão (2009) retrata Severino como parte de um fluxo contínuo de retirantes, inserindo-o em um contexto permeado por expressões caricatas e elementos humorísticos que remetem à oralidade do cordel. O tom caricaturesco pode ser visto também como uma marca do quadrinista, enquanto chargista e caricaturista. Há uma simplicidade gráfica que reforça sua diluição no fluxo da narrativa, que marca a universalidade de sua condição e ressalta o aspecto coletivo da migração sertaneja, como percebemos sobretudo no terceiro quadro, que, ao construir-se a partir de um plano de cena horizontal, amplia o campo de visão. Essa amplitude é posta não para destacar as diferenças entre os personagens, mas para reforçar que há uma uniformidade estética entre todos os severinos, que vai desde o nome genérico à construção imagética desses personagens, ponto que se materializa até mesmo nos mandacarus, presentes no último quadro.

Odyr (2024), por sua vez, destaca a solidão de Severino, conferindo-lhe um ar mais melancólico e existencial. Em uma abordagem visual mais expressiva e introspectiva, ele tem

um rosto com contornos não tão precisos, haja vista a técnica de aquarela, mas que é capaz de transmitir emoções com maior intensidade. Além disso, a interação do protagonista com o meio também varia entre as versões. Em Odyr, o retirante se desloca por um cenário que reforça sua condição de isolamento; destaca-se, pois, seu anonimato dentro da multidão. Além disso, ele possui uma postura mais curvada e olhar na maioria das vezes mais distante, agregando uma atmosfera mais melancólica à obra:

Figura 11 – Severino de Odyr (2024) - p. 84 e 85



Fonte: MELO NETO, João Cabral de; ODYR. **Morte e Vida Severina**. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2024.

Nas páginas 84 e 85, por exemplo, o enquadramento constrói um movimento que insere o leitor como um expectador de cinema, em que acompanhamos o caminhar de Severino, ainda que através imagens estáticas, afinal, “[...] a imagem fixa deve sugerir todos os momentos da ação” (Cagnin, 1975, p. 110). O vemos se aproximar, no decorrer dos quadros, e, também, sua contínua trajetória, representada no último quadro, que o mostra de costas. Desse modo, essas diferenças visuais impactam diretamente a leitura da obra, pois influencia a forma como o leitor se conecta com a trajetória do protagonista.

Conclusão

As adaptações quadrinísticas de “Morte e Vida Severina” demonstram como a transposição de uma obra literária para outra mídia implica escolhas interpretativas para além

da fidelidade ao texto original. Enquanto Miguel Falcão (2009) prioriza a estrutura do poema e uma abordagem mais tradicional em muitos momentos, Odyr Bernardi (2024) explora a expressividade visual para ampliar a carga emocional da narrativa. Ambas as versões dialogam claramente com o texto de João Cabral de Melo Neto, mas o fazem de maneiras distintas, tendo em vista a riqueza da intermedialidade e a diversidade de possibilidades que a arte sequencial oferece para a releitura de clássicos da literatura brasileira. Assim, longe de substituir o poema de João Cabral, as adaptações em quadrinhos enriquecem sua recepção e reafirmam sua relevância no presente.

Nesse sentido, “[...] as histórias em quadrinhos nascem sob uma ótica intermediária, sendo uma mescla de várias monoartes que geram uma multiarte” (Pessoa, 2008, p. 2). Ao passo que possibilitam interações entre diferentes mídias na construção de uma narrativa, é possível combinar elementos verbais e visuais para criar novos sentidos. No caso das adaptações de “Morte e Vida Severina”, percebemos que a transposição do poema para os quadrinhos sugere escolhas específicas sobre como representar visualmente a economia verbal da linguagem cabralina, que, por meio da linguagem quadrinística, mescla-se à estética visual e constitui sentidos que ora as aproximam, ora as distanciam – seja pela inserção de elementos temáticos ou pela utilização de técnicas distintas. Como a narrativa original se constrói essencialmente pelo texto e sua estrutura métrica, os quadrinistas enfrentam o desafio de transformar essa dinâmica em uma experiência visual coerente, sem comprometer a referência ao poema.

Nesse contexto, percebemos que os artistas adotam estratégias distintas para lidar com esse desafio. Falcão (2009) mantém uma abordagem mais próxima do poema original, haja vista a manutenção da forma como os versos estão organizados nos quadros, de modo a preservar a estrutura do texto original. A partir disso, vemos que sua adaptação reforça a materialidade dos versos de João Cabral. Desse modo, o leitor acompanha a cadência rítmica e a organização da narrativa sem grandes modificações na forma textual. De certa forma, essa opção preserva o aspecto formal da obra, permitindo que o leitor se aproxime da experiência literária original, ao mesmo tempo em que adiciona um suporte visual complementar.

Odyr (2024), por sua vez, segue uma abordagem mais livre, explorando a expressividade das visualidades para transmitir emoções que, no texto original, são sugeridas apenas pelo ritmo e pela escolha vocabular. Por meio do seu traço mais livre e a diagramação fluida dos quadros, há um impacto visual que enfatiza os sentimentos e a ambientação do sertão nordestino. Nesse caso, a adaptação busca uma interpretação mais subjetiva da obra, confere um protagonismo maior à imagem na construção do sentido. Desse modo, enquanto Falcão (2009) prioriza a fidelidade estrutural do poema, Odyr (2024) enfatiza a instância imagética no enredo.

Portanto, essas diferentes abordagens evidenciam a potência da intermedialidade como processo adaptativo de “Morte e Vida Severina”, demonstrando como um mesmo texto pode ser adaptado de formas variadas a depender do meio em que se insere e das intenções que o

circundam.

Referências

ABREU, Márcia. *Cultura Letrada: literatura e cultura*. São Paulo: Unesp, 2006.

CAGNIN, Antônio Luiz. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986.

CAVALCANTE, L. A. de O.; CEDRO, W. L. Uma análise lógico-histórica da relação entre as histórias em quadrinhos e a educação. In: PEREIRA, Ana Carolina Costa; ALCÂNTARA, Cláudia Sales de. *História em quadrinhos: interdisciplinaridade e educação*. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

CHARMEUX, Eveline. *Aprender a ler: vencendo o Fracasso*. São Paulo: Cortez, 1994.

CHINEN, Nobu. *Aprenda e faça arte sequencial: linguagem HQS: conceitos básicos*. São Paulo: Criativo, 2011.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. São Paulo: Unesp, 2013.

MELO NETO, João Cabral de; FALCÃO, Miguel. *Morte e vida Severina*. Recife: Fundaj/ Massangana, 2009.

MELO NETO, João Cabral de; ODYR. *Morte e Vida Severina*. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2024.

MELO NETO, João Cabral. *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PESSOA, Alberto Ricardo. *Histórias em quadrinhos: um meio intermediário*. In: Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 2008. Disponível: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-alberto-historias-em-quadrinhos.pdf>. Acesso em: 25 março de 2025.

POSTEMA, Barbara. *Estrutura narrativa nos quadrinhos: construindo sentido a partir de fragmentos*. São Paulo: Peirópolis, 2018.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2019.

SOUZA, Salete Eduardo de. *O uso de recursos didáticos no ensino escolar*. In: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM. Maringá, 2007.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA, Angela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (orgs.), 3 Ed. *Como usar as Histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2006.

Data de submissão: 01/08/2025

Data de aceite: 21/08/2025